

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT11.013

NAVEGANDO ENTRE RIOS E ALDEIAS: NARRATIVAS DE JOSÉ DAMASCENO FORTE KARIPUNA

LUIZ EDUARDO PAULINO DA SILVA

Professor do curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) lepsscat@gmail.com;

EFIGÊNIA MARIA DIAS COSTA

Professora do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) efigeniamdc@yahoo.com.br;

FABRÍCIA SOUSA MONTENEGRO

Professora do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) fabriciamontenegro@yahoo.com.br

RESUMO

Narrar a trajetória estudantil do ex-cacique da etnia Karipuna, morador da aldeia Açaizal, no município de Oiapoque/AP, é o objetivo deste trabalho. É preciso descrever as memórias estudantis de um ex-cacique, pai de família, militante, graduando do 8º período de Pedagogia no campus Binacional da Universidade Federal do Amapá, para que se dê voz ao povo indígena e que se reflita sobre as adversidades que eles enfrentam na trajetória educacional até ingressarem na universidade. As lembranças são essenciais e por meio delas não se permite que a história de um povo caia no esquecimento. Para tanto, optou-se pela utilização de um memorial, metodologia que permite que o aluno, sujeito do estudo, narre sua trajetória e o percurso de horas navegando entre os rios e matas amazônicas para estudar. Buscou-se nortear a pesquisa à luz de teóricos que dialogam sobre a memória, como Candau (2019); Delgado (2010); Halbwachs (1990); e Izquierdo (2011); e sobre educação, como Alves (2009); Freire (1989); e Nóvoa (2022), entre outros. A memória remete o passado ao presente, mas também remete o presente para o futuro, uma vez que é momentânea e precisa ser escrita na história. Traz-se aqui o escrito de um ex-cacique, homem forte que não mediu esforços para ingressar em uma universidade, mesmo já contando meio século de vida, cujas narrativas servirão de reflexão, apontamentos e questionamentos para outras pesquisas no campo da memória indígena.

Palavras-chave: Narrativas, Povos Indígenas, Discentes, Formação Inicial, Reflexão.

INTRODUÇÃO

Publicizar as memórias de José Damasceno Forte Karipuna é resgatar as reminiscências de um homem da floresta, ex-cacique da etnia Karipuna, natural da aldeia Açaizal. Para Gondar (2005, p. 18), “admite-se hoje que a memória é uma construção”, e é nesse entendimento que buscamos fazer um recorte a partir das vivências e experiências que o ex-cacique percorreu em sua trajetória estudantil/acadêmica.

Dessa forma, o objetivo que orientou este estudo foi analisar, por meio das memórias, a trajetória estudantil e acadêmica do senhor José, licenciando em Pedagogia. Para sua consolidação, elencamos os seguintes objetivos específicos:

- refletir sobre as dificuldades que o estudante da etnia Karipuna percorreu até chegar à universidade;
- identificar, por intermédio das narrativas, os sonhos, as lutas e os anseios do ex-cacique José Damasceno;
- estimular que os registros dessas memórias sejam publicados e contribuam para o enriquecimento de outras formas de educação.

As memórias aqui trazidas partem do incentivo acadêmico suscitado ao longo dos estudos da turma 2018.2, principalmente na disciplina Gestão Pedagógica Escolar, que teve seu período acadêmico prolongado por motivo da pandemia de covid-19, fazendo com que o curso fosse concluído apenas no ano de 2023. Assim, seu José, como é popularmente conhecido por todos dentro e fora do campus universitário, foi instigado, com os outros graduandos, a narrar sua trajetória para eternizar seu povo.

A história de José chama nossa atenção por ser ele um homem dedicado e resiliente que ultrapassou fronteiras para ingressar na vida estudantil, sem se importar com críticas. Nessa perspectiva, este estudo tem relevância por ser de cunho científico e dar voz aos povos originários assentados nos município de Oiapoque, a 593 quilômetros da capital do estado, Macapá, região pertencente a quatro etnias: Palikur, Karipuna, Galibi-Maroworno e Galibi Kali’na. Segundo Santos (2018, p. 5),

[...] os quatro povos indígenas do Oiapoque: Palikur, Galibi Kali’na, Galibi-Maroworno e Karipuna. Oiapoque localiza-se no norte do Estado do Amapá, extremo norte do Brasil, na fronteira com a Guiana Francesa.

Nessa região localizam-se três terras indígenas, a Terra Indígena Galibi, com 6.889 hectares, homologada em 1982, a Terra Indígena Uaçá que tem 470.164 hectares e foi homologada em 1991 e a Terra Indígena Juminã, com 41.601 hectares, homologada em 1992. A população indígena de Oiapoque soma aproximadamente **oito mil pessoas**, distribuídas em mais de quarenta e nove aldeias, localizadas nos rios Urukawá, Oiapoque, Uaçá, Juminã e Curipi e, ao longo da BR-156. Fazem parte das Assembleias, tanto a de Avaliação quanto a Geral, um cacique representando cada aldeia, acompanhado de seus conselheiros, ainda, alguns professores pela temática da educação e os agentes de saúde.

Seu José faz parte dos dados estatísticos dos povos originários do município de Oiapoque, e em suas narrativas fala de uma trajetória pessoal e coletiva. Como disse Freire (1989), a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e o conhecer da realidade vivida é a base sólida para a construção de conhecimento. Seu José, com sua experiência de vida, ingressou na escola básica e na universidade acompanhado do conhecimento que adquiriu ao longo de sua história de homem da floresta, como caçador e pescador que faz trabalho manual/braçal, percorrendo uma vida de informação e educação natural do seu povo. Segundo Brandão (2013, p. 9), “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor [...]”.

Pensar com essa perspectiva é compreender que a aprendizagem dos povos indígenas está enraizada por sua cultura vasta, por sua tradição de gerações e por seus costumes passados dos mais antigos e que percorrem a geração atual. Assim, este trabalho justifica-se pela importância que o povo da etnia Kumené tem no estado do Amapá/AP, especificamente no município de Oiapoque. Essa etnia subsiste da caça, da pesca, da colheita do açaí, do plantio da mandioca para a farinha e do conhecimento sobre a mata, e transporta seus alimentos para a cidade, contribuindo, dessa forma, com a agricultura familiar e o sustento das famílias.

Os povos indígenas têm autonomia para a luta por melhorias para suas aldeias e participam de assembleias em que sugerem a construção de projetos que se referem à educação, saúde e cultura de seus povos.

Nós, povos indígenas, temos nossa autonomia, somos capazes de construir um projeto de vida para nossas aldeias, somos capazes de estudar fora da comunidade junto com os não índios, hoje temos organizações próprias. (Santos, 2018, p. 15).

Até ingressar no espaço acadêmico, seu José enfrentou algumas adversidades, sem desistir, persistindo na luta por melhorias e na procura de aperfeiçoamento no percurso de sua trajetória educacional. Em suas narrativas, traz episódios de uma memória coletiva e de sua vivência pessoal e com o ambiente. Como comenta Halbwachs (1990), a memória individual não é isolada, pois o sujeito não deixa de interagir com o ambiente e, portanto, sofrer suas influências.

Sendo assim, em todo o memorial seu José discorre sobre essa trajetória coletiva interrelacionada com os fatores externos e internos que o acompanharam em sua vivência. Outrossim, no que se refere ao aporte teórico, dialogaremos com autores clássicos e atuais que argumentam sobre a memória, como Abrahão (2008), Bosi (1994), Candau (2019), Halbwachs (1990), Izquierdo (2011) e Nora (2011). No que diz respeito à educação, discutiremos com Freire (2015), Brandão (2009) e Nóvoa (2000), entre outros.

Para a organização deste estudo, o texto encontra-se sistematizado em tópicos iniciados pela introdução; seguindo pela metodologia e discussão, parte em que apontaremos dois pontos importantes: a vivência de seu José e suas experiências vividas; e, por fim, pelas considerações finais e referências. Por meio das vivências do ex-cacique provocaremos um diálogo reflexivo sobre a formação básica e inicial de uma população que luta cotidianamente por educação e cada vez mais ingressa na universidade, fazendo dela um lugar intercultural de pertencimento dos povos indígenas das terras do Oiapoque, município do Amapá.

METODOLOGIA

Pesquisar memória é fascinante, mas também é desafiador, é necessário pensar qual método trabalhar, uma vez que resgatar as memórias de um sujeito requer atenção, escuta, tempo e sobretudo o procedimento eficaz de investigação. Portanto, esta pesquisa partiu da iniciativa de um memorial, arte derivada da rememoração a partir de fatos relatados por escrito, mediante a narrativa estudantil e acadêmica de um sujeito que carrega intrínseca e extrinsecamente as marcas de um povo labutador.

(...) o memorial é um processo e a resultante da rememoração com reflexão sobre fatos relatados, oralmente e/ou por escrito, mediante uma narrativa de vida, cuja trama (enredo) faça sentido para o sujeito da narração, com a intenção, desde que haja sempre uma intencionalidade,

de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação (Abrahão, 2011, p. 166).

Trazer o memorial de um ex-cacique como metodologia de pesquisa na elaboração de um trabalho científico é (re)pensar a importância da memória escrita, que não se acaba no tempo, mas que aguarda futuras gerações. O sujeito aqui pesquisado é seu José Damasceno Forte Karipuna, que carrega as marcas do desenvolvimento de sua trajetória, em que ele é um sujeito de formação, aquele que se motiva a contar suas narrativas. Segundo Delory-Momberger (2008, p. 30), "a história do indivíduo é também, em grande parte, aquela de suas aprendizagens e de sua relação biográfica com o saber e o aprender".

Por meio da leitura do memorial exploramos uma narrativa percebendo, nas entrelinhas, a prática do cuidado. É notório que o processo do cuidar é essencial, o conhecimento de si mesmo e dos outros fornece elementos reflexivos para o leitor. Josso (2010, p. 60) diz que "o autoconhecimento poderá inaugurar a emergência de um eu mais consciente e perspicaz para orientar o futuro de sua relação e reexaminar, na sua caminhada, os pressupostos de suas opções".

A pesquisa (auto)biográfica, segundo Abrahão, é um tipo de narrativa autorreferente em que o sujeito revela a outrem sua trajetória. Portanto, "a memória é essencial para o trabalho com pesquisa (auto)biográfica" (Abrahão, 2004)). Eleger uma metodologia (auto)biográfica por meio do memorial, em uma investigação, significa compreender o sujeito como referência de sua própria autonomia.

"O processo de pesquisa da tradição autobiográfica consiste em fazer surgir memoriais, histórias de vida, biografias, autobiografias, diários, enfim, 'escritas do eu', em planos históricos, ricos de significado, instigados pela rememoração" (Abrahão, 2008, p. 154). Assim, através da escrita do memorial sobre os fatos significativos da sua formação estudantil e acadêmica, aconteceu o processo de autotransformação do conhecer-se. A partir da leitura do memorial, fizemos anotações significativas e apontamentos de elementos que nos dessem subsídios à investigação sobre o campo da memória. E partimos para dialogar com essa memória, que o sujeito trouxe, à luz da teoria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A memória como campo de estudo nas ciências sociais e humanas ainda é considerada recente, mesmo com indícios de que tenha surgido ao longo da

história. Assim, é preciso resgatar essas memórias em diversos espaços sociais, seja em uma comunidade, uma instituição, grupo social ou com um sujeito ou vários sujeitos. É necessário estudar essas memórias e discutir, no tempo presente, a importância do que existiu, existe e existirá.

Os sujeitos construtores da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas. Inúmeras vezes defendem ideias e programas opostos, o que é peculiar à heterogeneidade do mundo em que vivemos (Delgado, 2010, p.55).

A partir do entendimento da autora, compreendemos que seu José faz parte dessa parcela plural, homem que muitas vezes percorreu uma distância de vários quilômetros, entre rios e floresta, numa catraia, pequena embarcação conhecida popularmente como voadora. Durante cinco anos foi preciso largar sua gente para viver alguns períodos na cidade e estudar, mas sempre de olho no seu povo, procurando ajudá-lo de forma gratificante. Foi assim que seu José chegou ao término do curso de Licenciatura em Pedagogia e hoje atua, de forma direta, na gestão escolar de sua comunidade.

Esse homem não esqueceu suas origens nem seu aprendizado, pois continua a retirar o açaí do açaiçal, a colher a mandioca para a farinha, a pescar nos rios e procurar a caça. Os estudos acadêmicos deram-lhe outros horizontes, sem que perdesse a essência de sua identidade e tampouco sua história de vida. Portanto, seu José é carregado de memórias, guardando nela sua vivência identitária. A perda da memória é, portanto, uma perda de identidade (Candau, 2019, p. 59).

Todo indivíduo guarda reminiscências de memórias diferentes de outros indivíduos, pois mesmo que ambos tenham passado por experiências parecidas, cada um carrega consigo lembranças de sua vida inter(pessoal). Quando pensamos no acadêmico José, refletimos sobre o acervo de memórias que ele acumulou no percurso de 50 anos de vida. Izquierdo (2011, p. 11) diz que “o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro identificador”. Compreende-se que na comunidade, no ambiente de trabalho ou até na vivência social, cada indivíduo é único, e por meio da memória surgem as narrativas de uma particularidade ou coletividade social e cultural do sujeito.

TRAJETÓRIA DE VIDA E SUAS REALIZAÇÕES

José Damasceno Forte Karipuna, de 50 anos, é concluinte do curso de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal do Amapá, campus Binacional, município de Oiapoque. Nasceu em 08 de dezembro de 1973, na aldeia Açaizal, localizada na cidade de Oiapoque. Seu José, como todos o chamam, é casado e pai de dez filhos, três mulheres e sete homens, sendo que o mais velho faleceu quando tinha 10 anos. “A criança estava brincando na rede e se enrolou, não conseguiu se soltar e acabou se sufocando, quando encontramos o menino já estava morto” (Karipuna, 2023).

Uma memória trágica que talvez seu José desejasse apagar, mas que recorda com lágrimas, mesmo que o tempo faça superar/minimizar a cicatriz. Freire (2015, p. 49) fala de “um ser crítico, aventureiro, responsável, predisposto a mudança”. Pensamos que, a partir do ser humano crítico, ser um homem que se permite maldar fez com que ele superasse os desconcertos da vida e seguisse em frente.

Esse homem que saiu da aldeia Açaizal e embarcou na aventura de estudar, pesquisar e buscar melhorias para seu povo é o homem que guarda em sua memória episódios de uma noite que não dormiu, de um dia que não clareou, de uma chuva forte que parecia não cessar e do volume de água que estava enchendo o rio muito rápido. Esse mesmo homem guarda também na memória as amizades que conquistou, os estudos que fez, o que ensinou, o que aprendeu e as boas novas que foram anunciadas ao povo, pois, como ele mesmo diz, nunca pensou apenas em si, mas no coletivo, no próximo, no outro.

Seu José conta que aos 15 anos iniciou sua trajetória de militante no movimento de dirigentes da igreja católica na aldeia, e no período entre 2000 e 2018 assumiu o cargo de cacique, exercendo a liderança sobre seu povo e buscando levar melhorias para a aldeia, já que como militante e cacique poderia ajudar na educação do povo local.

A escola na aldeia Açaizal começou a funcionar no dia 12 de março de 1984, tendo como professora a senhora Aurea Lúcia Lima Barbosa. A escola funcionava na residência do senhor Manoel Sebastião dos Santos, conhecido como Sabá, que era o primeiro morador da aldeia, a casa era ampla e servia para as reuniões e festas da comunidade (Karipuna, 2023).

É importante ressaltar que já havia escola na aldeia Açaizal muito antes de seu José ser cacique, mas ele fez a 1ª série na aldeia Espírito Santo, distante 30 minutos da aldeia Açaizal, utilizando a voadora como meio de transporte aquático, por ter ido viver com a mãe, após a separação de seus pais.

Meus pais eram separados, minha mãe residia na aldeia Espírito Santo e meu pai, na aldeia Açaizal. Quando ela se casou pela segunda vez, resolveu morar na aldeia Açaizal, e eu estava finalizando a 1ª série, então fui transferido da escola João Teodoro Forte para escola São Sebastião do Açaizal (Karipuna, 2023).

Percebe-se que sua memória de infância está marcada pelas lembranças de sua trajetória. O menino saiu de sua aldeia para estudar em outra, mas antes de concluir o ano teve que retornar à sua terra e ali permanecer, mesmo tendo que fazer novamente a 1ª série. As dificuldades estabelecidas pela precariedade fizeram com que a comunidade construísse uma escola na aldeia Açaizal, uma instituição educacional com duas salas de aulas e alojamento para os professores, num prédio que funcionou até o ano de 1998 e onde seu José estudou a 3ª e a 4ª série dos anos iniciais.

Como sabemos, a educação brasileira sofreu muitas modificações ao longo de sua história, e muitas crianças entravam na escola tardiamente. Creche e pré-escola eram sonhos distantes para aqueles que tinham o desejo de ver seus filhos estudando. E seu José foi uma dessas crianças que ingressaram tardiamente numa sala de aula, porém o sonho de estudar o motivava, e por isso não parou. Alves (2009) diz: “sonho com o dia em que as crianças voem procurando outros horizontes, bebendo de outras fontes”. Acreditamos que seu José teve seus voos quando criança, mesmo diante das duras dificuldades da floresta, e cresceu sonhando, imaginando e crendo que um dia chegaria a concluir um curso superior.

O que para muitos parecia impossível, para seu José era um sonho a ser realizado. E ele se lembra que:

No ano de 1998, através de convênio entre a Associação dos Povos Indígenas (APIO) e o governo do estado do Amapá, construíram uma escola maior, com duas salas de aulas, cozinha, depósito de alimentos, banheiro e pátio, com cobertura de telhas de barro, piso de concreto e parede de tábuas beneficiadas (Karipuna, 2023).

Sem educação não acontece a transformação do sujeito, pois, como diz Freire (2000, p. 67): “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. A educação formal de uma comunidade também se reflete a partir da estrutura de um prédio, de uma alimentação sadia ou de programas de apoio às condições indígenas.

As aulas começaram a ser ministradas no novo prédio escolar, após a conclusão da construção, no dia 1º de março de 1999, com os professores Paulo Edson Cabral Martins, diretor; Rosalvo Vilhena Martins; e Erasto dos Santos, monitor do pré-escolar bilíngue indígena. Como resultado da luta dos caciques, foi implantado o sistema organizacional modular de ensino indígena, de forma que seu José pôde retomar os estudos, cursando da 5ª à 8ª série, ainda que tenha levado quase nove anos para concluir o ensino fundamental, já que não havia professores suficientes para cobrir todas as disciplinas, causando várias lacunas nesse período. Com isso, quando cursou os anos finais do ensino fundamental ele já era cacique e ficou sem estudar por quase dez anos, devido às dificuldades existentes no ensino formal da aldeia Açaizal, no município de Oiapoque.

No dia 26 do mês de outubro do ano de 2011, convoquei uma reunião extraordinária com a finalidade de implantar o ensino médio na modalidade modular na Escola Indígena Estadual São Sebastião do Açaizal. Já tendo em vista que a escola trabalhava o ensino de 1ª a 8ª série do fundamental II (Karipuna, 2023).

As narrativas do aluno e ex-cacique fazem-nos refletir sobre a importância da memória dos diversos grupos no âmbito da Licenciatura em Pedagogia. “Ainda que possa ser trabalhado por disciplinas diversas, o conceito de memória, mais rigorosamente, é produzido no entrecruzamento ou nos atravessamentos entre diferentes campos de saber” (Gondar, 2016, p. 20). É necessário trabalhar a memória em diversos cursos acadêmicos, porém, especificamente na Pedagogia, é possível dar voz ao aluno pobre, negro, indígena, quilombola ou deficiente, classes minoritárias que, por meio da memória, podem narrar suas vivências.

Seu José, hoje concluinte de Pedagogia, com uma vasta experiência e conhecimento de mundo, leva-nos a refletir sobre as dificuldades que os povos indígenas passaram e passam por desejarem uma educação de qualidade, pensada pelo povo e para o povo, estabelecida não de cima pra baixo, mas pensada a partir da base para o topo. A iniciativa do ensino médio na modalidade modular da aldeia Açaizal é

uma conquista adquirida por meio de reuniões e lutas da categoria, com o esforço de um homem que viu seu sonho ser realizado.

Na época, éramos dezoito alunos que aguardavam a oportunidade de dar continuidade aos nossos estudos. Como liderança da comunidade, solicitei aos professores do SOMEI (Sistema Organizacional Modular de Ensino Indígena) a implantação do ensino médio na aldeia. Por sorte, os professores atenderam nosso pedido e, em 2011, foi implantado o ensino médio. A modalidade de ensino implantada foi a Educação de Jovens e adultos – EJA (Karipuna, 2023).

É sabido que a Constituição Federal de 1988 garantiu importantes avanços na educação brasileira, que passou a ser um direito de todos, independentemente da idade, e um dever do Estado. Em 1990, o Brasil participou da Conferência Mundial de Educação para Todos, em Jomtien, na Tailândia, durante a qual se reforçou a necessidade de expansão e melhoria do atendimento público na escolarização de jovens e adultos. Porém, somente em 1994 foi concluído o Plano Decenal de Educação, fixando metas para o atendimento de jovens e adultos pouco escolarizados.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, estabelece, no artigo 37, que a educação de jovens e adultos se destina àqueles que não tiveram acesso (ou não deram continuidade) aos estudos no ensino fundamental e médio, na faixa etária entre 7 e 17 anos, e deve ser oferecida em sistemas gratuitos de ensino, com oportunidades educacionais apropriadas, considerando as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão.

A educação de jovens e adultos deve oferecer uma qualificação aos indivíduos que chegam tardiamente à escola, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. É necessário que as escolas usem estratégias de educação profissionalizante para que a inserção desses indivíduos no mercado de trabalho aconteça, buscando qualificá-los, profissionalizá-los e atualizá-los em seu nível escolar.

Quanto ao papel das escolas, no que se refere à EJA, é de suma importância que ofereçam cursos de formação profissional aos educandos jovens e adultos desempregados ou em situação de subemprego, para que eles sejam estimulados a realizar um ofício.

O acesso à escolaridade deve proporcionar aos alunos jovens e adultos a possibilidade de analisar, criticar, concordar, discordar e discutir questões que fazem parte do seu cotidiano.

Fica difícil para o jovem e para o adulto ter motivação numa escola que ministra aulas para a modalidade EJA, sabendo que sua profissionalização, que já é tardia, só poderá vir após a conclusão do ensino superior, pois muitos sabem que aprender somente disciplinas individuais aplicadas em sala de aula não é suficiente para se conseguir uma formação profissional. Trata-se, então, de um fator muito insuficiente em nossas escolas.

A educação que motiva é também a educação que problematiza. Esse tipo de educação “reconhece [os homens] como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos” (Freire, 1993, p. 83). Podemos observar, nessa afirmação de Paulo Freire, que toda pessoa está em constante processo de “acabamento”, no entanto o ser humano precisa buscar melhorias, aperfeiçoamento e inovação. Nenhum homem é completo em si, ele sempre está “se fazendo” (freireanamente falando). Nesse contexto, o educador precisa motivar o seu aluno, conscientizando-o do “ser incluso” que ele é. E, sendo assim, ele (o educando) precisa buscar “se fazer”, e é na educação que isso se torna possível.

De acordo com seu José, o acesso ao ensino médio na comunidade foi uma grande conquista, os colegas que também esperavam essa oportunidade de estudar ficaram alegres e satisfeitos. “Entre os anos de 2011 e 2017, foram seis anos de muito estudo para que concluíssemos o ensino médio. Após a conclusão do ensino médio, houve uma peleja para conseguirmos o certificado de conclusão, que recentemente foi entregue pelo núcleo de educação indígena (NEI)”.

Todo esse percurso da minha vida como estudante e cacique foi voltado ao melhoramento da vida da minha comunidade em vários aspectos, como educação, saúde, transporte e segurança, entre outras coisas que são de direito nosso, como vagas de emprego e em quaisquer cursos e concursos ou benefícios vindos do governo federal, estadual e municipal e por outras parcerias (Karipuna, 2023).

Nova (2022, p. 15) diz que “A educação já não cabe no formato escolar do final do século XIX. [...] A escola precisa da coragem da metamorfose, de transformar a sua forma”. Essa coragem da escola deve partir da iniciativa de guerreiros, pessoas valentes, de gestão participativa, democrática e dialógica. Pensamos que são esses sujeitos os protagonistas principais para uma escola de transformação.

Seu José, como pai, tem orgulho em ver os filhos estudando e concluindo os estudos. Os filhos enxergam no pai e na mãe que sempre os aconselham a estudar o exemplo de incentivo para que não desistam dos seus objetivos. Seu José diz que

“é através da educação que meus filhos irão conseguir ser alguém na vida e ter um futuro melhor”.

No trajeto da minha gestão como cacique não almejei benefício próprio, sempre pensei no coletivo da comunidade. Durante todo esse tempo de liderança me inscrevi em cursos, fiz ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) duas vezes, não logrei êxito, e prestei vestibular na UFPA (Universidade Federal do Pará), mas mesmo não conseguindo, continuei tentando (Karipuna, 2023).

As tentativas, para seu José, não foram tidas como fracasso, mas como motivo de ousadia para tentar, cada vez mais, sem desistir. O campus Binacional, na cidade de Oiapoque, da Universidade Federal do Amapá, existe desde 2013, mas no início não tinha alunos indígenas matriculados. A implantação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLI/UNIFAP), exclusivamente para indígenas, assim como outras conquistas, foi fruto das lutas de caciques e dos membros de suas comunidades, ou seja, de um povo que sabe seus direitos e procura garanti-los. O campus Binacional é hoje um campus intercultural, abrigando uma diversidade de alunos, como quilombolas, indígenas, nordestinos, nortistas, alunos com deficiência, seja visual, transtorno de hiperatividade ou outras, enfim esse campus é fruto da inclusão.

Seu José prestou o processo seletivo para o curso intercultural duas vezes, sem conseguir obter aprovação, mesmo assim não desistiu do sonho de ingressar em uma universidade pública e esperou outras oportunidades. Ele lembra: “estava em uma reunião no centro de formação Domingos Santa Rosa, no km 18, no momento iria acontecer uma votação porque os professores não queriam aceitar indígenas em nenhum dos outros cursos do campus Binacional”.

Lembro desse dia, quando nós lideranças resolvemos invadir a universidade para não acontecer essa votação. Afirmavam que os indígenas e quilombolas não tinham condições financeiras para viver na cidade e estudar, e surgiam conversas que os mesmo não tinham capacidade de estar em uma universidade.

As lutas dos povos indígenas para ingresso nas universidades do Brasil são notórias, e quando nos referimos especificamente ao ingresso no extremo norte do Amapá, na cidade de Oiapoque, podemos dizer que foi algo essencial, uma luta de enfrentamento. O que antes parecia apenas uma utopia, tornou-se uma realidade.

Ter um campus onde a maioria dos alunos é indígena não é uma conquista do dia para a noite, tampouco vinda facilmente, houve lutas, gritos, persistência e resistência do povo indígena oiapoquense.

Outras conquistas dos Karipuna e das demais etnias do Oiapoque, foi a inauguração do Museu Kuahi em 2007, **a implantação do Curso de Licenciatura em Educação Escola Indígena, ofertado pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) em 2007**, que tem como objetivo formar indígenas para lecionar no Ensino Fundamental e Médio. Recentemente em 2009 a implantação do Sistema Organizacional Modular de Ensino Indígena (SOMEI) e o Plano de Vida dos Povos e Organizações Indígenas do Oiapoque, que foi construído pelos próprios indígenas, coordenado pela APIO com apoio financeiro e institucional de entidades parceiras, como Funai-Brasília, Funai-Oiapoque, The Nature Conservancy (TNC), Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (IEPÉ), Eletronorte e Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ). O Plano de Vida tem como objetivo maior garantir uma boa qualidade de Vida, tanto no âmbito social quanto no ambiental para os povos indígenas de Oiapoque (Santos, 2012, p. 9, **grifo nosso**).

Com Santos vamos entender que as lutas por uma universidade pública e inclusiva especificamente para os alunos indígenas, sejam das etnias do município ou de outros mais distantes, a exemplo de alunos da etnia Kaxuyana, moradores da aldeia Santo Antônio, localizada no estado do Pará, nasceram no ano de 2007. As políticas educacionais para os povos indígenas vêm avançando, ainda que lentamente, e já podemos perceber os frutos vigorando nas aldeias. Temos indígenas nos cursos de Enfermagem, Pedagogia, Letras-Francês, História, Geografia, Ciências Biológicas, Direito e Intercultural que, ao concluírem seus cursos, retornam à sua origem contribuindo com a aldeia.

Seu José ainda conta que, diante das dificuldades, criou um grupo de trabalho para acompanhar os trâmites dentro e fora da universidade: “mesmo assim não teve acordo, quando fomos ao ministério público tivemos causa ganha. Em seguida surgiu o processo seletivo, fui aprovado na primeira e segunda etapa, quando saiu o resultado final, fiquei na 3ª colocação”.

Escolhi o curso de Pedagogia por existir muitas lacunas na educação infantil e séries iniciais em nossa comunidade. Estou no último período da licenciatura em Pedagogia, quando finalizar pretendo fazer uma pós-graduação em nível de especialização, e posteriormente um mestrado e,

quem sabe, chegar ao doutorado. Não parei de estudar e tão pouco de sonhar (Karipuna, 2023).

Ao concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia, seu José já recebeu a proposta para ser gestor da escola na aldeia Açaizal, vindo a contribuir com as crianças, jovens e adultos de sua comunidade, levando experiência e conhecimento a todos e dialogando com os professores para que construam um ensino que seja humanizado.

Nós, seres humanos, temos fome de aprender, ansiamos cada vez mais conhecer, buscamos conhecimento, queremos descobrir o desconhecido, como bem diria Alves (2009), contudo, a descoberta de alguma coisa faz com que tenhamos interesse de anunciar o desconhecido (Freire, 2015), de forma que devemos estar sempre aprendendo e anunciando para outras gerações. É assim que vejo a trajetória de seu José.

O que se aprende durante o ensino básico e superior não fica apenas para si mesmo, é, sobretudo, partilhado com as pessoas, instigando-as a continuar e a buscar melhorias, pois pela educação abraçamos o mundo, escolhemos outros caminhos a percorrer e, por que não dizer, vivemos intensas relações de amizade, amor e partilha. As memórias de seu José muito nos inspiraram a continuar, prosseguir e viajar nessa compreensão do eu e do outro. Como diria Rubem Alves sobre memória:

Memória: um saber que o passado sedimentou. Indispensável para se repetir as receitas que os mortos nos legaram. E elas são boas. Tão boas que elas nos fazem esquecer que é preciso voar. Permitem que andemos pelas trilhas batidas. Mas nada têm a dizer sobre os mares desconhecidos. Alegria de ensinar (Alves, 2009).

As memórias trazidas neste trabalho mostram um pedaço da história percorrida, de um sonho alcançado e da vida vivida por um homem lutador, um ser humano, um pai, ex-cacique e estudante repleto de vivências e experiências, pessoa de uma humildade sem par, de um sorriso esplendoroso, um sujeito de luz, homem que nos deixa a lição de que não devemos nunca desistir, tão somente persistir para que as realizações venham. Com muito agrado trazemos as memórias contadas por esse homem lutador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o percurso deste trabalho, várias experiências fizeram-nos perceber e compreender melhor a vivência real de um aluno indígena, ex-cacique, estudante da educação de jovens e adultos no cotidiano escolar. Observamos que, dentre as transformações ocorridas no sistema educacional e na sociedade em que estamos inseridos, falta muito para se ter uma educação de qualidade.

É necessário que a EJA seja tratada com bastante qualidade, eficiência e inovação. Não se pode trabalhar nessa modalidade de qualquer maneira, mas sim com todas as especificidades que a educação de jovens e adultos merece, tendo, assim, uma determinada compreensão.

Durante a análise das memórias do acadêmico, vários outros temas surgiram, no entanto, optamos por trabalhar apenas com os objetivos traçados para a pesquisa: as memórias e a trajetória estudantil e acadêmica de seu José.

Contudo, suas memórias fizeram-nos refletir sobre seu percurso de estudante, as lutas e labutas de uma criança que sonha chegar à universidade, mesmo que tardiamente, realizar seus objetivos e ainda galgar outros caminhos além dos que já vivenciou. Observou-se que as dificuldades são inúmeras, desde a falta de professores até as questões estruturais, mas que é possível, aos poucos, se organizar e criar meios para uma educação para todos.

Diante dessas memórias refletimos sobre o ensino na modalidade EJA numa perspectiva de busca por melhorias, seja no que diz respeito à conclusão do curso para ter um certificado, para crescimento profissional, para prestar concursos etc. O que antes não era possível, tornou-se realidade para os alunos indígenas que procuram melhores condições de vida.

Assim, constatamos que seu José acredita que a educação é importante e demonstra interesse em ajudar as crianças e jovens da comunidade. Agora, com a portaria que o nomeia como gestor, poderá levar suas experiências para dentro da escola e ser um exemplo vivo de luta, sonhos e conquistas e que, mesmo com as dificuldades que surgiram, não parou no caminho, prosseguiu.

Com certeza, a discussão desse assunto deve ser vista como um fenômeno complexo, uma vez que muitos acadêmicos desconhecem a importância do tema abordado, acreditando que o indígena não está inserido na universidade e que ainda vive uma tradição antiga, sem se envolver com as contemporâneas. Essas memórias fazem com que reflitamos a partir das nossas próprias experiências de vida e

também das experiências dos nossos alunos, e seu José traz em seu memorial o relato de um homem singular que em sua totalidade ajudou e continua ajudando os povos indígenas da sua etnia e de sua aldeia.

Nessa perspectiva, seria desejável o aprofundamento da discussão sobre a memória indígena com o intuito de discutir também a responsabilidade da escola, levando essas reflexões aos alunos, despertando o interesse nesse campo na academia, por meio de debates, leituras de artigos e estudo de caso aprofundado. Porém, cada indivíduo é único, e cabe a cada um ser estimulado de forma diferente para ter conhecimento da memória dos povos indígenas.

Espera-se que este estudo contribua como orientação, reflexão e subsídios no que se refere a uma escola atuante, com um pedagogo que estimule os alunos a continuarem seus estudos, uma vez que a educação representa um meio de “estímulo” para todos aqueles que, por diversos motivos, abandonaram seus estudos ou não tiveram oportunidade de o concluírem. E, nessa perspectiva, os jovens e adultos buscam interagir no contexto histórico educacional, desenvolvendo suas habilidades, trocas de experiências e acesso à cultura e ao trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR/ DPaschoal, 2009

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memoriais de formação**: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio-ago. 2011.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; ROSA, Miriam Suzéte de Oliveira. **Apresentação**: cuidado humano e educação. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 11-18, jan. abr. 2012. Disponível em: <www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 20 set. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. 1ª ed. São Paulo, Contexto, 2019

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral:** memória, tempo, identidades. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo-projeto. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000

GONDAR, Jô. **Quatro proposições sobre memória social.** In: GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera (Orgs.). Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. RJ, 2005.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

IZQUIERDO, Iván. **Memória.** 2ª ed. Porto Alegre, Artmed, 2011

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação.** Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2010a.

_____. **Caminhar para si.** Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010b.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, valorizar e transformar.** Salvador: SEC/IAT, 2022.

SANTOS, Sinésia Forte dos. **As assembleias dos povos indígenas do Oiapoque** (1976 – 2017). Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Monografia do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLII. Oiapoque/AP, 2018.

SANTOS. Walter Vasconcelos dos. **História Karipuna:** Protagonismo ontem e hoje no fé no ixtua. Universidade Federal do Amapá, Coordenação de Educação Escolar Indígena. 2012.